

IGREJA E TORRE DOS CLERIGOS NO PORTO.

PORTO.

4.º

JÁ tínhamos feito menção do edificio religioso, representado na gravura acima estampada, a pag. 282, col. 2.ª, do 3.º vol.; e no 4.º a pag. 162, col. 2.ª corrigimos o engano em que nos fizera cahir a errada informação de que o elevado campanario fôra guarnecido de conductores que o perservassem dos estragos causados pelos raios. — Foi construido no alto da calçada da Natividade; esta posição em extremo eminente faz realçar o seu formoso prospecto. A torre, que é a sua parte mais notavel, é comparada [e com preferencia] pelo P.º Agostinho Rebello, a pag. 96 da *Descrip. do Porto*, ás de Bristol, Utrecht, Hamburgo, e a outros famosos campanarios: o mesmo A. affirma que alguns dos sinos pesam de 100 a 200 arrobas; e que serve ella de balisa ou marca aos navegantes que vem entrar pela difficil barra do Douro. O templo, sagrado em 12 de Dezembro de 1779, é dedicado a N.ª Sr.ª d'Assumpção, como se lê na inscripção latina da porta colla-

VOL. V. JULHO 24. — 1841.

teral que fica ao norte, por onde tambem consta que o clero erigira á sua custa toda aquella fabrica: e com effeito uma corporação ou irmandade de clerigos, entrando alguns seculares, dos principaes da terra, a levantaram e a mantem. Na capella-mór, obra dispendiosa, se depositou o corpo de St.º Innocencio martyr: e a sagrada imagem da Padroeira está collocada sobre o alto da tribuna, que é toda de marmore e que, se é certo o que diz o citado P.º Rebello, custou mais de cincoenta mil cruzados.

É muito reprehensivel o desleixo que tem havido em não premunir com os pára-raios este edificio, accrescendo á razão de ser a torre mui elevada a da excessiva altura do assento que occupa: quanto mais que bastava ser uma flecha saliente entre as construcções visinhas, para estar sujeita aos golpes da centelha electrica, como já lhe succedeu. —

Entre as cousas dignas do exame do curioso que visita a cidade do Porto merece ser citado o Museu que o Sr. Allen dispoz e abriu ha bem poucos annos, tendo gasto muitos em colligir as raridades, que encerra: para o accommodar construiu expres-

samente o mesmo Sr. um edificio no fundo do jardim que aformosea a sua habitação: compõe-se de tres salões iguaes, allumiados por claraboias no tecto. No primeiro ha uma collecção conchiologica mui rica, e outras curiosas producções marinhas; o methodo da classificação é o linneano: adorna-se esta sala com 126 quadros de auctores de nome, taes como Rubens, Guido, Rembrandt, Murillo, Tenniers &c. entrando um quadro do Vieira portuense. O segundo comprehende uma preciosa collecção mineralogica, e muitas raridades da natureza e da arte: contem alem disso 170 paineis de insignes mestres, numerando-se entre elles *um Christo crucificado*, *um S. João* e um quadro historico, pintados pelo Vieira portuense. O ultimo, que encerra 140 pinturas escolhidas, tem mais uma collecção de marmores, e grande numero de objectos, notaveis pela riqueza ou raridade. A frente do 3.^o vol. da Geographia pelo Sr. Urcullú se acha mais ampla noticia deste Museu, que denota o bom gosto do seu proprietario.

Ninguem desconhece o importante commercio da cidade do Porto; accrescentando porem alguma coisa ao que a este respeito dissemos nos anteriores artigos, noticiaremos as quantidades ou valores de alguns generos exportados nos fins do seculo passado, comparando-os com os que encontramos na tabella inserta no 2.^o tom. da Geographia do Sr. D. José de Urcullú. — Prova-se que o commercio dos vinhos cresceu, e ainda que esta prova não seja absoluta pela comparação de dois annos, com tudo informações exactas e os papeis officiaes mostram que subsiste a verdade do facto; por isso tomamos para exemplo o anno de 1789 em que sahiram pela foz do Douro 35:600 pipas, e o de Julho de 1834 a igual mez de 1835 em que se exportaram 38:468 pipas. Em 1789 sahiram nove mil milheiros de laranjas; no anno economico, acima designado, mais de onze mil milheiros. Achamos em 1789 a exportação de 4:889:000 varas de panno de linho e de 92:000 covados de panno de laã: attenda-se porem a que nessa epocha eramos nós quem fornecia exclusivamente o mercado do Brasil dessas manufacturas; o que não acontece hoje; attenda-se mais ás quebras que nos mesmos fabricos experimentamos desde a guerra peninsular; e á conversão dos capitaes para outros mui differentes empregos; e ver-se-ha que não admira que os livros da alfandega do Porto não appresentem exportação igual áquella: esses pannos, tecidos pela maior parte no interior das provincias, são de consumo nacional, e vem achar a sua extracção pelas grandes feiras do reino: com tudo no dito anno de — 834 a — 835 sahiram pela barra 6:782 arrobas de laã; 44:176 maços de linha, e 1:658 arrateis da mesma; 6:030 duzias de meias e piugas; 2:280 duzias de lenços, e 900 quintaes de linho em rama. — Para a sêda dão-se as mesmas circumstancias acima ponderadas: exportaram-se naquelle anno apontado 150:000 covados em peças de varias qualidades; vemos modernamente que a sahida é de 25:747 covados, 13:093 arrateis de retroz, e 2:030 arrateis de sêda em rama. O commercio do azeite tem sido ultimamente mais privativo das provincias do sul, e estamos persuadidos que se o clarificassem, como os estrangeiros gostam, á moda de Italia, quando houvesse abundante çafra se facilitaria mais a sua extracção para fóra, não estando dependente o lavrador do gasto ordinario do paiz. Pelo Porto levaram-se para portos de outras nações em 1789, 8:500 pipas; modernamente vimos extrahir para os mesmos só 798 almudes, mas com elles foram 13:303 ancoretas d'azeitonas de conserva. Em —89 exportaram-se 10:500 caixas de assucar do Brasil, excesso das

carregações que vinham para fornecimento das provincias do norte: presentemente todas as nações vão buscar directamente á America os generos que chamamos colonias; no mesmo anno entre sumagre, sarro de pipa, cortiça e outros objectos sahiram 56:000 arrobas: de 1834 a 1835 a exportação da cortiça e do sarro de pipa montou ao valor de quasi cem contos, e a de diversos generos miudos a outros cem contos de réis. Alem das mercadorias apontadas, a praça do Porto mandou para fóra no dito anno economico, os generos, que vamos enumerar, tudo producções ou manufacturas nacionaes, cujos valores porêmos em conta redonda, porquanto bastaria só a designação de contos de réis para dar idéa do commercio daquella praça nesses objectos.

Obras de prata	26:600	\$ 000 rs.
Chapéus	14:500	\$ —
Prégos	61:000	\$ —
Enxadas	49:000	\$ —
Fechaduras	20:500	\$ —
Machados	9:700	\$ —
Fouces	6:300	\$ —
Ferragens miudas	44:400	\$ —
Tamancos	9:000	\$ —
Vélas de cebo	25:500	\$ —
Sal	27:600	\$ —
Presuntos e salpicões	43:000	\$ —
Dôces	8:600	\$ —
Castanhas	3:600	\$ —
Amendoas	9:140	\$ —
Cebôlas	8:200	\$ —
Alhos	7:950	\$ —
Nozes	2:000	\$ —

Exclusivamente para outros portos do reino, com os quaes e com o Brasil e Inglaterra faz o Porto o seu commercio principal, sabiu o seguinte:

3:451	Chales de algodão. —
11:412	Saiotes " dito. —
48:382	Alqueires de cereaes. —
Atanados e cordovões no valor de 35:000 \$ 000 rs.	

Concluiremos o presente artigo com uma passagem da viagem do inglez Murphy, que visitou Portugal nos annos de 1789 e 1790, e que julgamos conveniente inserir aqui por ser um tanto anecdotica e alem disso honrosa para a nação. — Trata o escriptor da revista passada a bordo pelos empregados da alfandega, á sua chegada ao Porto, e diz — «Devo dizer, em louvor destes officiaes, que preenchem os seus deveres com tanta civilidade que a sua visita mais parece uma visita amigavel que uma pesquisa de empregados fiscaes. Aos viajantes, que estiveram sujeitos aos empregados das alfandegas inglezas, custará a comprehender como em gente desta classe pode haver civilidade. O fallecido marquez de Pombal, ao chegar como embaixador á côrte d'Inglaterra, foi tão maltratado por um bando dos taes senhores que concebeu odio profundo contra as leis fiscaes daquelle paiz, rancor que toda a vida conservou. Até geralmente se julga que só dahi provieram os regulamentos que para o diante fez concernentes ao commercio dos vinhos do Porto, em que de nenhum modo foram poupados os interesses da feitoria ingleza estabelecida na mesma cidade.»

A MORAL E O SEculo.

II

Mais folgado e bem disposto, eis-me aqui voltando

a proseguir o trilho começado. Riam-se, zombem os que assim me vêem teimoso entranhar-me pela erma devesa. Solitario me adianto; bem o sei, e alem de solitario, mal olhado talvez — mas Deus me vê, e nem doestos nem injurias valerão a desviar-me um passo. Solitario caminharei — embora. Não espero encomios dos que atiram com suas afrontas ás faces de quem quer que ousa reprehende-los. — Leam-me os que ainda teem almas em seus corpos, e Deus em suas almas. — Leam-me esses e depois, se em taes materias póder entrar na avaliação a vontade e o desejo, guardem-me em seus corações uma memoria — memoria para o mancebo que já se atreve a ser velho e — por desgraça! — a prégar tambem a velhos!

Breve e summariamente — que nem eu sei que horizonte poderia fechar o assumpto — tentei em pequeno quadro esboçar o grande peccado, o vicio capital, o pai de todos os crimes, o egoismo. — Foi a synthese da immoralidade: porque não desceremos igualmente á analyse?

Sim: tentemos um esforço ainda. — Esquadrinhemos n'esse immenso lodaçal a que chamam existencia e arranquemos um a um e examinemos á luz e ao dia cada verme maligno, que dentro lhe ferve. Discorramos pelo brejo eivado de plantas envenenadas, e cortemo-las todas pela infima raiz. Troemos rijamente, inflexiveis e rigorosos; sejamos até crueis na severidade do amoestar e corrigir. Armemos o braço de fortaleza e partamo-nos, n'esta perigrinação, tão cheia de santidade, a combater o inimigo em toda a parte em que o encontrarmos, seja nas palhas do mendigo, seja nos sophás do poderoso; aos pés do throno, ou juncto do patibulo. Desprendamos o escudo de diamante pendente no templo do Senhor, e embracemo-lo para a aturada peleja. Travemos da espada das exterminações e saiamos ao campo. Os contrarios não dormem. Abrem os olhos nas trevas da noite e vestem a armadura de suas ciladas por entre o rumorejar do dia. Crusemos para a nova conquista das reliquias perdidas — reliquias que ha pouco sobrenadavam ainda, raras e incertas, no pego alteroso e crescente das substituições da nova Babylonia; que vão hoje desaparecendo já e affundando-se, e que, em breve, — se lhe não acodem prompto — serão de todo sorvidas pelo abysmo, cada vez mais profundo. Crusemo-nos, e siga-me quem sentir n'alma alento e forças para lutar; siga-me como outrora os reis e os principes, os valentes e os poderosos da christandade seguiram o pobre eremita Pedro á recuperação da cruz nas planicies do Kedron e do Jordão, e nos cimos do Golgotha, o santificado. Sou pobre como elle — pobre de tudo! — Como elle tenho fé e tenho esperança.

«E para que te veio á cabeça, a ti ignorado e obscuro moço, em que não pensa ninguem, o vociferares alto contra o curso das cousas que se adiantam?» — Dirão por ahí.

Responderei.

Ergueu-se a forza e pesou no collo dos povos — bem a vedes. Ergueu-se por que a torrente dos crimes ameaçava horrenda inundaçãõ e começava de trasbordar para o interior de cada casa levando lá para dentro a dessolaçãõ, o assassinato frio, hediondo e calculado ao seio das familias que nem já podiam dormir o somno do descanso — ergueu-se por que esse trasbordar viera de serem pequeno leito, para aguas tão fundas e caudaes, as praças e as ruas publicas; porque a falta de principios e o embrutecimento da desmoralisaçãõ crescêra assoberbando tudo, e tudo ameaçando. Ninguem deixou de tremmer ao ouvir contar casos que, se quasi os não senti-

ramos, julga-los-hia mos sonhados á força de atrocidade e crueza. Do fundo dos seus aposentos, trancados e aferrolhados pelo receio, empallideceram todos ao ver renovar entre nós, civilizados da Europa e illuminados da civilisaçãõ, os crimes nefandos dos que chamáramos barbaros de outrora, as maldades, que, por ventura, crerâmos fabuladas, da mesa de Thiestes; o parricidio; o infanticidio; e tudo o mais sobre que antes queremos lançar um veu — e fizesse-o Deus bem espesso e sobre tudo eterno!

Ei-lo pois que se alevantou, o gigante das justicias da terra, o espectro medonho do delinquente, o phantasma da consciencia maculada — o patibulo!

Mas os crimes continuaram, continuaram — digamalo por vergonha da nossa especie — igualmente atraçoados, horrendos, pesados nas horas do descanso, alimentados por dias largos e largas noites, e requintando no apparecer e se executarem.

E foi por isso que eu olhei em torno e disse a mim mesmo. — «E força que esteja bem pervertida, bem corrupta e bem abandonada de Deus a sociedade em que taes cousas se commettem» — e deu-me na curiosidade, como ao allucinado que se compraz em medir a profundeza do abysmo que parece chama-lo e atrahi-lo á immensa fauce aberta, o examinar as chagas podres e as feridas empegonhadas d'esse corpo defecado, e todo serapintado de crueis pisaduras que aos olhos se me offerecia.

E conheci então que nem só o ferro do assassino tornava amargurados os dias do homem probo; nem só os crimes fallados e carregados de horror eram crimes. — Vi outros — vi muitos mais — vi-os muito grandes! — raizes escondidas em terra de vil producto, que geravam os que lá em cima se elevavam — em troncos praguentos a assombrar as sociedades — e os alimentavam e lhes davam fructo e ramas com sua seiva de inferno.

Vi-os e escrevi. — Se fordes amigos da ordem e arrumamento de idéas desculpai ou passai avante. Escrevo como sinto. Escrevi como senti — e assim faço quasi sempre.

Quantos ha já que se inquietem, no meio de suas distrações, dos quadros de desventura que o habito da desmoralisaçãõ teem tornado vulgares a ponto de nem quasi se notarem? — Quantos, a não ser o affrontado do povoleo, o missionario incansavel da saã palavra, que pezem em seus corações todos os males que alguma vez a inconsideraçãõ — muitas mais a maldade — entorna por esse mundo?

Cada palavra que sem reflexãõ atiramos ao ar e confiamos aos homens é um tiro de frecha, tiro que nunca volverá á mão do que o arremeçara, salvo se fôr bem tarde e bem carregado de inutil arrependimento. Dam-se largas ao fallar como se da boca imprudente d'um homem não pendesse o credito, talvez a vida, e o que mais é a reputaçãõ de cada seu irmão. Dam-se largas — e á redea solta uma quadriga amaldiçoada corre em cima de centos, de milhares de existencias, espedaçando aqui uma util colheita, alli uma forte e elevada intelligencia, mais longe um coração, que vibrava robusto em todas as chordas do sentimento; esmagando muitas candidas venturas, calcando e estorcendo quanto ainda sobrecrecia no lodo da geral baixesa, fazendo emfim rebentar inferno de tormentos no proprio lugar aonde podêra ter baixado um céu de felicidades. — E tudo isto e esses horrores que ouvis pelo simples prazer — prazer na phrase delles! — de cortar na vida do proximo.

E qual é essa tão tremenda quadriga? — A inconfidencia e a murmuraçãõ, a maledicencia e a indiscriçãõ.

Olhai — em volta da humilde lareira reune a noi-

te de inverno a familia innocente. Um velho cuberto de raras brancas, que outro inverno mais rigoroso apenas lhe consente, e quatro meninas, simples e modestas, todas perfumadas de candura, trajadas com as vestes da innocencia e cingindo as frentes de cherubim com as rosas da primeira idade. Não teem já mãe! — roubara-lh'a um d'esses desgostos para os quaes o mundo ainda não achou nome e que nem por passarem desapercibidos dos homens deixam de entranhar-se bem fundo, bem fundo n'alma, e secca-la e mirra-la e despedaça-la n'um só dia de quanto dezenas de annos tinham accumulado para a ligarem ao mundo e á vida. Morrêra! e as pobresinhas já mais que meias orphaãs tinham-se acolhido para mais junto de seu pai. As caãs do ancião dão ainda sombra áquelles arbustinhos mimosos, mas ai d'elles ao primeiro bafejo da tormenta que em cima lhes soprar. — Levará esse pouco que ainda resta e então...

E vêde-as como presentidas do futuro lhe beijam ellas as fundas rugas da face e os alvos escaços cabellos! São a sua esperanza ultima, o seu ultimo refugio. D'aquelles delgados fios de prata lhes pendem as venturas que Deus poderá ainda dar-lhes cá na terra. N'aquella neve assim espalhada no cimo regelado do carcomido tronco depositaram as tristes os verdes desejos de suas almas sem maldade. Mas se uma chamma se elevar e fundir a neve que já mal se sustenta! Mas se um vento outonico vier e varrer o tope descarnado!

Uma, a mais linda, a mais pura e a mais innocente entre aquellas innocentes, vê por mal seu um d'esses rostos de homem que fazem meditar horas. Sorri elle e é seu sorrir tão cheio de franqueza e candura que a misera ousa sorrir tambem. Mas o rosto formoso encobre hedionda torpitude de coração. O sorriso innocente é commentado, analysado, interpretado, assoalhado nas praças, nos caffès, nos covís d'immunda sensualidade, e o credito, a vida, a honra daquellas cinco existencias, se não felizes ao menos tranquillias, voam ao largo rasgadas, dilaceradas, negras, negrissimas de infames calumnias.

E no momento em que em doce effusão de toda a ternura de sua alma, a innocente, que tudo ignora, cinge com os braços melindrosos a frente calva do velho, que chora de gozo, quando da grinalda, que se enfeita com sua frente formosissima, tira ella algumas flôres, que desfolha, rindo, sobre as caãs venerandas do ancião, quando nem o mundo, nem os homens lhe poderiam dar outro momento assim, uma voz se alevanta que faz ouvir palavras estranhas. E as rosas da grinalda murcham por si mesmas e juncam a terra, amarellentas como se as derubára o sul do outono. — E o velho — o velho cahê para nunca mais se alevantar!

Eis as victimas sem macula, maculadas e perdidas para sempre que ficam entregues somente a si ou antes á sua desventura; e as noites regalladas dos que apagaram o fogo do lar ao ancião cahido, e cortaram as flôres da frente ás innocentes victimas, nem talvez um remorso as turba!

Olhai. — Na primavera da sua primeira força um moço, confiado em si, dá a andar pelos caminhos risinhos de uma vida nova e aflagada de esperanças. Conhece o que é e o que vale, tem consciencia de si mesmo e ergue a frente com ufania acima de quanto o rodeia. Faz-se o cedro florescente e copado no meio das garças humildes da planicie chaã — nem ha tronco que o exceda seja em altura, seja no frondoso de bastas ramagens. E o mancebo todo cheio ainda de fé no mundo e de santas illusões crê e espera.

Ai! um dia sopra-lhe em cima o bafo pestifero da

maledicencia e o cedro cahê estrondosamente alastrando o solo com seus ramos quebrados e esmagando ao cahir as esperanças que lhe verdejavam como folhas vigosas d'aquelles ramos já tão formosos.

Olhai. — A par da escolhida do seu coração passa o esposo feliz as horas mais breves e regalladas da existencia. E a pomba do ninho tão amada. É o anjo de seus lares. Revê-se n'ella inteiro, por que se sente amado com a força d'uma paixão ainda nova, por que lhe trasborda do coração a enchente de seus affectos mal contidos, porque se lhe funde o peito nas delicias d'esse gozo santo, unico, inexgotavel que lhe abunda n'alma. Tranzido do frio de géllo que reina lá fóra por essa sociedade aonde fazem do sentimento ora um brinco, ora um meio de especulação, chega ao limiar do albergue modesto e acha ali a esposa impaciente que o espera para o reanimar e aquecer com seus osculos, tão castos e tão cheios de interesses d'alma. No santuario vedado, serena-lhe ella as suas penas, limpa-lhe a poeira da frente fatigada, da-lhe a beber nova porção de vida e felicidade, restitue-lhe frescura e candidez ao pensamento, e dispõe-o a seguir, santamente consolado e reanimado, a peregrinação da terra. Quem não se penetrará de intimas — oh! bem intimas — alegrias ao admirar este quadro de ventura domestica, a só verdadeiramente ventura, sem tumulto nem pregão, fechada no viver particular; sagrada pela moral mais escrupulosa, identificada no espirito do Senhor? Quem não sentirá coar-lhe pelas veias suave satisfação por vêr realisados, ao menos uma vez no mundo, os sonhos doirados da juventude e do amor, que já n'alma de todos tão puramente ferveram nos dias esperanzosos da estação privilegiada? Haverá, por ventura, alguém que se atreva a romper laços tão preciosos, a quebrar tal e tão doce prisão? — Ha.

Do meio do proprio abrigo d'esses puros amores alevantou-se a vibora peçonhenta, passou rapida entre aquellas duas vidas assim estreitamente ligadas e vomitou ao passar tal porção de veneno que o esplendor de tamanhas ditas fez-se sombra de tempestade, e a chamma brilhante apenas deixou uma pouca de cinza negra!

E eis aqui como sem escrupulo, sem ao menos volver olhos para o lado do caminho se adianta a atroz maledicencia pisando e calcando tantas floridas venturas e verdes existencias e rindo ao adiantar-se, como se não tivera manchado as vestes no sangue empoçado debaixo de seus pés, e varrido no correr do manto hediondo alguma porção das carnes atassalhadas pelo dente mordaz da inveja e da calunnia.

Mas de quantas fórmias e por quantos modos o mal se propaga!

Por preço de boa parte da vossa vida gasta em fadigas e vigílias tinheis construido um edificio, argamassado com o suor do vosso rosto; sobrepondo-lhe pedra a pedra o trabalho improbo do vosso espirito. Construiste-lo e vos comprazieis em chamar-lhe vosso, porque n'elle vieis em longo futuro acenarvos a honra legitimamente ganha, a boa fama e a gloria — a gloria!

Pois bem: tudo isso em que consumistes uma porção de existencia a alevanta-lo, outra a pensa-lo, desfazervo-lo ha um jornalista com duas pennadas entre um copo de cerveja e um projecto de revolução. Dirá sem vos ter visto, nem tratado, nem lido, nem conhecido que sois perigoso ou charlatão, ignorante ou sobradamente philosopho; trincar-vos ha a vida no intimo e a vida no publico; mentirá, sem duvida, mentirá negramente, sem fé, sem alma, sem consciencia, mas o povo acreditará na palavra omnipotente do jornalista, e nem ao menos vos con-

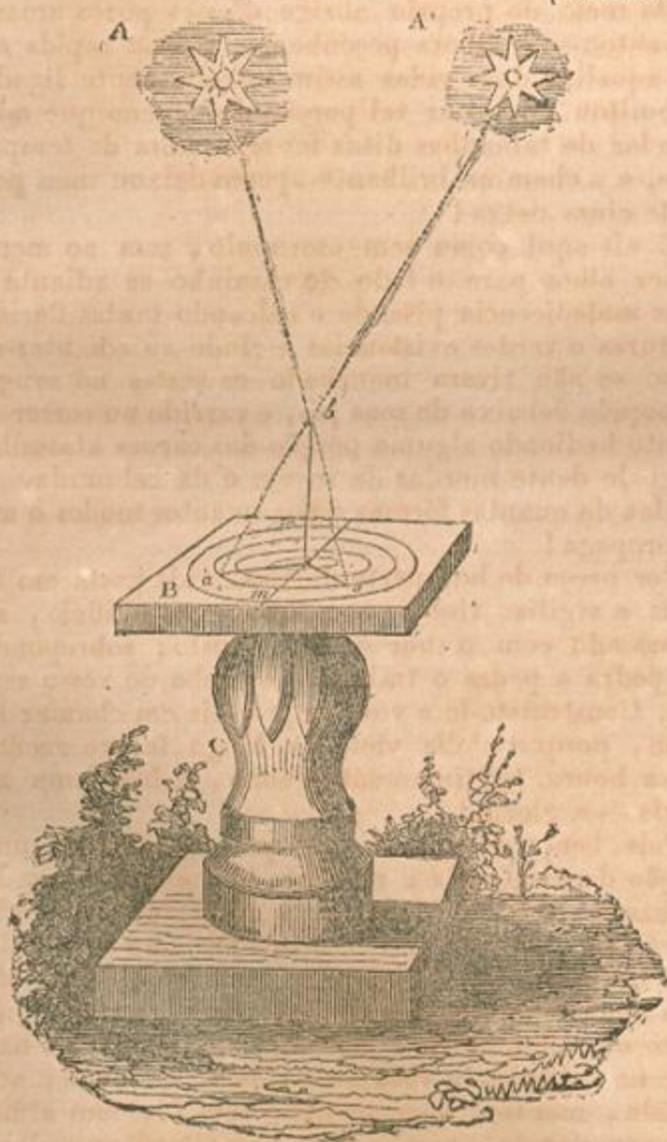
solareis em vos sentirdes mordido pelas prezas da critica. Negar-vos-hão tudo. Tanto as palmas do triumpho como as lagrimas da desfeita.

Confiai a outro o vosso segredo mais particular, d'onde vos penda honra e fortuna, d'onde, talvez, muitas vidas corram perigo; confiai-o. Se esse pensar como — por mau fado nosso — se pensa geralmente, ve-lo-heis assoalhado por toda a parte, e quanto havieis depositado em mãos alheias desfeito nos ares como fumo ligeiro.

E que doçura póde então ficar á vida assim erma e solitaria?

Pouca, nenhuma talvez, por desgraça e mal do mundo. A vida! Tirai uma ou outra existencia privilegiada que acertou d'apparecer entre almas cren-tes e saãs, ou que passa feliz, embalada por suas illusões, e dareis com todas tumultuosas ou ignoradas, martyrisadas pela obscuridade ou agitadas por longas procellas, fatigadas de luz ou raladas de inquietações. A vida! Lagrimosa peregrinação em que se alguma vez tentámos descançar nos marcos do caminho, ou nos morde no coração áspide invisivel, ou nos rebenta sobre a cabeça o bulcão da tempestade. A vida! quantas vedes por ahí guarnecidas de flores e coroadas de verdura? — Se uma sombra de felicidade vos refrescou alguma vez nos caminhos espinhosos e abrasados, lá está logo a maldade dos homens, a serpe de mil dardos que por toda a parte se escôa e nem a essa sombra vos consente resfolegar. Se vos escondestes no deserto e vos fostes abrigar n'algum oasis perdido, á sombra gigante das palmeiras do ermo, lá mesmo vos irá buscar o mundo donde fugistes, e se não poder cravar-vos as garras no que fizestes fará supposições insensatas, e culpar-vos-ha pelo mesmo que ignora.

(Continúa).



MODO DE TRAÇAR UMA MERIDIANA.

CAHIRAM n'algum desuso os relógios do sol, depois que se inventaram e aperfeiçoaram os de algibeira e de parede; com tudo ainda se collocam nas casas de campo e outros edificios ruraes, e são principalmente uteis nos paizes meridionaes, onde a atmosphera com mais frequencia apparece clara, e descobre o astro da luz.

São estes relógios ou verticaes ou horisontaes, conforme a collocação nos pedestaes que os sustentam; mas, qualquer que seja a sua posição, sempre constam de uma lagem, ou ruella de metal, plana, onde está descripto o mostrador circular das horas, e de uma peça saliente, ordinariamente de metal, cuja sombra prolongada na superficie lisa indica as horas, como todos sabem, e é, para nos servirmos desta expressão, o *ponteiro* de semelhantes relógios.

Explicaremos brevemente o methodo para traçar a linha norte-sul, dita *meridiana*, porque marca o meio-dia, o que é especialmente necessario para se construir um horisontal relógio de sol. Primeiro que tudo é necessario averiguar, mediante um nivel, se a lamina ou lagem, em summa o plano para o mostrador está bem horisontal. Supponhamos que *B* é o plano assente sobre o pedestal *C*: desenhem-se nelle varios circulos concentricos, e fixe-se no centro um varão de ferro, posto perpendicular. Supponha-se tambem por exemplo que ás dez horas a sombra do varão prolongando-se desde o centro toca no terceiro circulo em *a*, quando o sol brilha no ponto *A*; ás onze horas a sombra toca no segundo circulo; ás onze e meia no primeiro: marcam-se estes logares respectivamente, onde a sombra do varão corta cada circulo. Á meia hora depois do meio-dia, o sol tendo girado até o ponto *A'* corta o circulo interior, á uma hora o segundo circulo, ás duas horas o terceiro circulo em *a'*. Marcam-se os circulos, como antes. Então dividam-se em dois igualmente cada arco de circulo comprehendido entre os pontos marcados na circumferencia pelos encontros de manhã e da tarde, e os meios assim determinados de cada arco grande estarão em uma mesma linha recta, que passa pelo centro de todos os circulos, tirada de *m*; por onde cahe ao meio-dia a sombra do varão *b*: esta será a linha meridiana. Divida-se a circumferencia em doze partes iguaes (*).

Quem quizer fazer uma tal ou qual idea da origem e natureza dos relógios de sol crave no chão, quando brilha o sol, um bordão bem perpendicularmente: observando a sombra que elle produz, lançada sobre o terreno, em diferentes horas e diferentes dias, colhem-se muitos factos uteis. — 1.º A sombra será mais curta ao meio-dia que em outra qualquer parte do dia. — 2.º Será da mesma extensão n'um certo numero de horas antes do meio-dia que no mesmo numero de horas depois. — 3.º Será de mais extensão ao nascer e ao pôr do sol que em outro ponto do dia. — 4.º Será em uma hora dada de 21 de Março exactamente como á mesma hora do 21 de Setembro [periodos dos equinoccios]: mas á mesma hora de qualquer dos dias de verão será mais curta, e de qualquer dos dias d'inverno será mais comprida que em Março ou Setembro. — 5.º A sombra ao meio dia, em todos os dias do anno, estará exactamente na direcção norte-sul. As causas destas differenças acham-se nos dois movimentos da terra; primeiro sobre o proprio eixo, segundo á roda do sol. O sol [para assim nos exprimirmos] anda mais alto no verão que no inverno; por isso produz sombras mais pequenas na primeira

(*) Em um n.º proximo diremos mais explicitamente dois methodos, um para traçar os relógios em plano horisontal, e outro em plano vertical.

estação: também está mais elevado ao meio-dia que de manhã ou de tarde, por isso a sombra é mais curta nessa hora que em outra qualquer do dia. — Achareis rusticos, guiados pela experiencia, que vos dirão no meio de um campo, consultando sómente a sombra do vulto humano, quantas horas são, e com soffivel exactidão.

Nota-se que nos climas mais visinhos ao equador são os relógios de sol de mais proveito que nos proximos aos polos; para o que muito contribue o estado da atmospherá, que permite o ver-se o sol. Em Babylonia ou seus arredores se inventaram: e já na Sagrada Biblia no 20.^o cap.^o do 2.^o livro dos reis & 11.^o se faz menção de um gnomon ou relógio de sol, que existia em tempo de Ahaz, isto é quasi 730 annos antes do nascimento de J. C.

AS METAPHORAS.

A METAPHORA é uma figura, ou tropo, pela qual usámos de uma palavra fóra da sua natural e primitiva accepção, havendo com tudo certa analogia e similhaça entre ella e a idéa, que pretendemos exprimir: como, por exemplo, quando dizemos d'um homem impetuoso que é *um leão*. É por tanto a metaphora uma breve comparação; emprega-se em todas as linguas e até os rusticos, e os povos barbaros recheiam os discursos familiares de metaphoras, ás vezes bem expressivas: procede isto de que nós temos mais idéas do que temos palavras para as exprimir. Todavia abusa-se muitas vezes da linguagem metaphorica, por impropriedade, ou por nimia profusão. Tertulliano, aliás mui distincto escriptor ecclesiastico, chamou ao diluvio universal a *barrela da natureza*. Entre nós, na decadencia da boa litteratura, os versejadores do tempo d'elrei D. João 5.^o faziam illimitado, absurdo, e ridiculo uso das metaphoras: um delles chamou ao papagaio, porque tem muitas e vistosas côres,

Iris fallante, abril organizado.

A este respeito escreveu o jovial cavalleiro Oliveira uma carta, que vem no 1.^o vol. da collecção das suas familiares: vámos transcrevê-la para darmos uma idéa do estylo do auctor, que é mui pouco conhecido por causa da raridade dos seus livros. Poucas pessoas possuem as cartas, as quaes foram impressas em Amsterdam; e crêmos que bem poucas terão o 3.^o volume dellas.

Carta 39.^a — Ao Sr. D. Florencio Henriques Maldonado, sobre a metaphora.

Eu cuidava que V. m. sabia já esta vélhice, porrem como me falla agora nella ahí lhe mando a sua noticia como se fosse uma novidade. A metaphora é a translação de um termo que compete propriamente a outra cousa, e vem a ser uma curta comparação. Quando em uma grande seccura, ou falta de agua, se diz que os céus são de ferro, e quando a uma tempestade se chama furia das ondas, é metaphora, e é o mesmo que dizer-se que as ondas estão agitadas á similhaça de um homem que se acha transportado de furor, e que as aguas estão tão secas e tão aridas como se fossem de ferro. No meu parecer é a metaphora uma das mais bellas figuras da rhetorica, porque exprime maravilhosamente em poucas palavras os nossos pensamentos. Havendo umas mui doces, e outras mui violentas, nos podemos servir dellas frequentemente, porque as podemos variar de muitos modos. No uso da metaphora deve ser o rhetorico tão attento como no de todas as mais figu-

ras, evitando comparações que não sejam conhecidas, ou que possam soar mal. Quando se disse que a republica tinha sido castrada pela morte de Scipião Africano, pareceu a idea tão villaã, que foi condemnada a dita metaphora por Cicero, e depois por Quintiliano.

Tenho também para mim que não é necessario duplicar as metaphoras, fazendo-as de cousas que são metaphoricas, como fez este poeta italiano de que V. m. falla, chamando ao pavão *Abril com azas*. V. m. o culpa de que elle siga sempre a metaphora como escravo della. Não aconselharei que o faça, porrem pôde-se escusar com outros se o executa. O defeito de seguir cada um o seu natural nos seus escriptos é ordinario. Cheio cada um dos termos da arte que mais exercita, não pôde evita-los nos discursos por mais que queira, empregando-os a toda a hora, e fazendo uso delles em toda a occasião. Veem algumas vezes tão fóra de proposito, quero dizer, tão violentados, que são ridiculos, porrem para quem cuida V. m. que se fez o destino de dizer ridicularias senão para aquelles que nasceram com o fado, ou com o fadario de escrever? Veja V. m. o que diz um grammatico, ou o que Ausonio lhe faz dizer em um epigramma, protestando elle a certos noivos que estimaria que fossem fecundos. — «Eu vos desejo, diz o grammatico, que tenhais filhos do genero masculino, feminino, e neutro.» — Os homens moços, juristas, advogados, e procuradores são mui sujeitos, quando escrevem ou fallam de amor, a se servir dos termos da sua profissão. Lembro-me muito mal agora de outro epigramma latino, no qual dizia um destes á sua dama o seguinte, pouco mais ou menos. — «Tempo ha para chorar e para rir agora, como já houve antigamente. Não tendes com que me obrigar a que vos ame definitivamente. Fazei ferias, Climene. Não sigais a causa nem persigais a parte, se vos agrada. Contentai-vos de que amando-vos agora por sentença, o possa vir a fazer em outro tempo por condemnação.» —

Isto tem pouco que ver com as metaphoras, porrem cahiu aqui a talho de fouce, para metter em um mesmo molho os grammaticos, os juristas, e os metaphoricos, que enfronhados das suas artes usam dos termos dellas em todos os seus discursos. Acabou-se o presente para servir a V. m. a quem Deus guarde muitos annos. — *Vienna d'Austria 4 de Novembro de 1736. — Francisco Xavier d'Oliveira.*

VICTORIA DE D. FRANCISCO DE MENEZES,
O ROXO, EM CEYLÃO.

PROMOVIDO ao eminente cargo de vice-rei da India D. Jeronimo d'Azevedo, e largando o de general da ilha de Ceylão, lhe succedeu neste um Francisco Roxo, homem, segundo se cuidava, de nascimento humilde, mas de tão extremados brios, que por elles, sem mais valia ou valedor, subiu áquella grande occupação, a segunda sem controversia, depois dos vice-reis. Então se soube que era generoso ramo da familia dos Menezes, como filho de D. Diogo de Menezes, conde da Ericeira, e neto do clarissimo D. Henrique de Menezes, governador que fóra daquelle estado: para que não faltasse a Portugal o memoravel acontecimento de alguns nobilissimos varões, que nas suas mesmas patrias viveram todos na reputação de homens ordinarios. Gloriando-se com rasão D. Francisco de haver obrado como cavalleiro illustre, quando ignorava que o era [o que é muito mais de louvar], proseguiu até á morte no glorioso curso de briosas e generosas acções. A primeira [a

que agora dizemos] succedida no dia 21 de Março de 1612. Passou a castigar ao rei de Candia, sempre opposto ao nosso dominio em Ceylão. Levava á sua ordem trescentos portuguezes e quatro mil lascarins: sahio-lhe o inimigo com doze mil, e com bom numero de elephantes armados. Entraram em durissima batalha: em uns era grande a vantagem do numero, em outros a do valor. Aquelles pelejavam em defesa da patria, estes em demanda da honra. E uns e outros restados no empenho de ficarem vencedores laboravam com incessante voracidade a ferro e fogo — tudo era estrago, horror, e confusão. Vieram a terra tres elephantes, ou tres torres em movimento. Os outros, fustigados das nossas ballas, negaram obediencia aos seus directores, e voltaram-se trilhando furiosos aos mesmos que os haviam conduzido. Esfriou nos infieis o primeiro ardor, e foram cedendo a campanha, e dando as costas; e sendo carregados impetuosamente dos nossos, encomendaram aos pés a segurança das vidas, perdendo-as neste glorioso conflicto mais de quatrocentos.

MEMORAVEL FACÇÃO EM CALECUT SOBRE A FORTALEZA DO MESMO NOME.

ESTANDO de cerco a fortaleza que os portuguezes tinham em Calecut, se viram estes em grande extremidade por falta de mantimentos e munições, e tambem por falta de gente. Era entrado o inverno, e por consequencia summamente difficultosos os soccorros. Resolveu-se então um nobre cavalleiro, chamado Christovão Jusarte, a levar á fortaleza o pouco que supria uma pequena embarcação. Mettido nella, com trinta e oito companheiros, investiu a praia, aonde via que o esperavam mais de dois mil mouros. Empenhos ha que só intenta-los é summa gloria. Tal foi sem duvida este. Por entre nuvens de settas e ballas desembarcaram os valorosos portuguezes e investindo com aquella multidão peito a peito, se ateou uma bravissima peleja. Os nossos, feitos em um corpo, resistiam com valor insigne. Os contrarios, como eram tantos, facilmente os cercaram e comprimiram de tal sorte que já não podiam usar das lanças. Então vieram aos braços; convertido em lucta o combate, feriam-se com armas curtas, e sem temor da morte só attendiam a matar. Ao mesmo tempo se achava a fortaleza combatida por muitas partes furiosamente; mas nem por isso deixaram de sahir della quarenta soldados á ordem de D. Vasco de Lima, a soccorrer os nossos hospedes; os quaes desafogando um pouco da multidão que os opprimia, abaixando as lanças, foram rompendo com os inimigos com valorosa impressão, e sempre com o rosto nelles e as costas na fortaleza até chegarem ao postigo. Aqui se renovou o combate com indizível valor, porque os mouros crescidos em numero e em esperanças, pertendiam ou impedir a entrada aos nossos, ou entrar juntamente com elles. Neste aperto tão perigoso obraram os portuguezes maravilhas estupendas; e apesar daquella immensa multidão de inimigos, rebatendo-os com insigne destroço, entraram na praça, feridos porem quasi todos, dos quaes morreram alguns. No conflicto mais de vinte; mas uns e outros mereceram e ganharam nome e fama immortal por tão gloriosa empreza, que teve lugar a 22 de Março de 1525.

ENTHUSIASMO.

O VOCABULO enthusiasmo applica-se commumente ás

pessoas que se acham dominadas de estranhas e extravagantes inspirações, em relação a deveres e opiniões religiosas. E geralmente considerado um afflictivo mal para os individuos que se deixam d'elle apoderar, e um açoute para a sociedade, quando se envolve com superstição e poder. Está provado pela historia de todos os tempos, que no ultimo destes casos o enthusiasmo gera a crueldade e a oppressão; e que no primeiro, tornando summamente ridicula a pessoa que o exercita, não é contudo tão damnoso á sociedade. A palavra enthusiasmo é applicada com muita propriedade ao *fanatismo* (*) religioso; no entanto ha outros objectos que algumas vezes excitam a sua energia, e dos quaes teem resultado grandes bens ao genero humano. Teem-se realisado descobertas mui uteis e valiosas, por meio desta doce illusão. Que enthusiasmo não foi preciso a alguns philosophos para acharem o invento do solvente universal, e o da transmutação dos metaes? — E ainda que o plano fosse em si mesmo chimerico, se alcançaram por aquelle meio melhoramentos para a sciencia na parte chymica, que se não obteriam sem o enthusiasmo e perseverança dos que procuraram com tanto ardor a pedra philosophal. O *moto continuo*, que tambem fôra com grandissimo enthusiasmo procurado, arruinou muitos engenhos pela constante perplexidade em que os tinha. No entanto destas indagações, posto que mal succedidas, tirou muito proveito a sciencia do mechanismo por lhe estender a applicação a varios pontos até alli desconhecidos. Foi o enthusiasmo quem levou

Vasco da Gama, forte capitão,
Que a tamanhas emprezas se offerece;
De soberbo, de altivo coração,
A quem a fortuna sempre favorece.

bem como Colombo e Pedro Alvares Cabral, aprehenderem a descoberta de novos mundos, afrontando para isso grandes perigos e tempestades, e desprezando murmurações e até ameaças. E o que, a não ser o enthusiasmo, teria o poder de conservar impavidos e firmes no seu proposito aquelles celebres argonautas, sem que os amedrontassem terribes successos que occorreram? Sem o magico poder do enthusiasmo, nem a Africa, Asia e America seriam de nós hoje conhecidas, nem as facções e gentilezas dos portuguezes houveram dado assumpto ao immortal Camões para em *som alto e sublimado*, e com *estyllo grandiloquo e corrente* cantar

As armas e os varões assignalados
.....
.....
.....
Que em perigos e guerras esforçados,
Mais do que permittia a força humana,
Entre gente remota edificaram
Novo reino que tanto sublimaram.

O enthusiasmo guiou os modernos navegantes a emprezas, em virtude das quaes tantos mares e paizes tem sido explorados, alargando-se deste modo o circulo das sciencias. São-lhes tambem devidas as recentes incursões nos aridos desertos da Africa, e as viagens aos mares dos polos, e ás terras arcticas por entre montanhas de gelo e perpetua neve.

(*) *Fanatismo: fanatico.* Parecem tomados immediatamente do francez, mas teem origem grega: são adoptados nas linguas sabias, e são expressivos e necessarios. — *D. Fr. Francisco de S. Luiz, Glossario das palavras e phrases da lingua franceza, &c.*

Finalmente, só a influencia do enthusiasmo induziria tantos homens a arriscarem vidas, e a soffrirem espantosos tormentos e privações com a mira unica de realisarem uma investigação que julgaram util ás sciencias, ás lettras, e á patria. Em quanto a nós, é ponto mui controverso se haverá homem que sem o impellir o verdadeiro enthusiasmo seja capaz de fazer progressos em qualquer sciencia ou profissão. Os poetas são os filhos queridos da imaginação e enthusiasmo: — sem este, o melhor orador tornar-se-ha monotono e enfadonho; e o mathematico em quem se não der tão elevado sentimento difficilmente penetrará os secretos arcanos das demonstrações scientificas. Em grau tão subido dominava o enthusiasmo o celebre Archimedes, e tão absorto o tinha na solução d'um problema, que o barbaro soldado de Marcello lhe descarregou o mortal golpe, sem que a victima ao menos visse contra si levantado o braço homicida. Delle se conta que ao lerem-lhe alguns versos para ouvirem a sua opinião, o philosopho respondêra com muito enfase: — « *Ouvi essa poesia, mas realmente não sei que problema ella resolva, ou que ponto demonstre.* » — É a exclusiva tendencia para qualquer sciencia ou arte, e a entusiastica admiração que dahi resulta, que concentrando toda a força do espirito nessa sciencia ou arte, faz com que nella sejâmos eminentes. Tão affecto era Aristoteles á philosophia que ao entrarem na sua camara os soldados d'Alexandre o acharam entregue aos seus estudos sem dar pela desordem e tumulto que em torno de si existia. Em summa quaesquer que sejam os males que este sentimento tenha produzido no mundo; quaesquer que sejam os bens que elle tenha desviado; é certo e indubitavel que não ha um só individuo de distincto merecimento em algum ramo dos conhecimentos humanos, nem uma só empreza gigante, que tenha sido levada a cabo sem a concorrência do enthusiasmo, causa e origem de grandes inspirações.

Duas crenças relativas ao mez de Julho. Hontem, 23, começaram os dias chamados caniculares, nome que parece derivado da circumstancia de entrar o sol em conjunção com Sirio, a mais brilhante estrella da constellação chamada *canis major*, o cão maior, que os antigos julgaram que influa no estado do tempo nesse periodo, bem como nas molestias da quadra, sendo a causa dos excessivos calores; e por isso quando a observavam emergente, para lhe applicar a raiva, os pagãos lhe sacrificavam um cão de pêllo escuro. Ainda hoje muita gente tem a mania de não tomar medicamentos durante os caniculares: se estão saãs e os tomavam por mera precaução, fazem bem differindo essas *sangrias em saude*, para não enfermarem devéras; se estão doentes, e por superstição não querem remedios, deixem-se peorar, já que é da sua vontade, que depois mais rendoso será o curativo.

O povo inglez tambem tem uma superstição especial neste mez. Traz o seu calendario no dia 15 um santo para nós desconhecido, ainda que de Inglaterra nos veio a devoção a alguns, como S. Jorge; chama-se St.^o Swithin; e é crença mui espalhada entre o povo miudo da Grã-Bretanha que se chover nesse dia, 15 de Julho, continuará a chuva por espaço de quarenta dias; porque dizem que o santo, que fôra ha mil annos bispo de Winchester, deixára por testamento que o enterrassem em chão descoberto, á chuva, mas que intentando alguns devotos trasladar-lhe os ossos para dentro da igreja occorreu uma chuva que durou quarenta dias com violencia, e im-

pediu a piedosa tentativa: d'então para cá ficou esse costume entranhado na atmospheria britannica, se acontece chover no dia 15: e a crença dura, posto que a observação de alguns annos tenha provado o contrario.

O ALGODÃO constitue hoje um dos importantes ramos do commercio do Egypto. Poucos annos ha que o algodoeiro [que pelos antigos egypcios fôra tão cultivado] era apenas conhecido como arbusto de ornamento nos jardins do Cairo. Sabendo porem o pachá as suas valiosas propriedades fez com que se fizessem varias plantações experimentaes, e vendo bons resultados, promoveu este genero de cultura a pontos de o levar a grande auge. Nas provincias de Keliub, Sharkiak, e Mansurah, dispozeram-se alguns milheiros de pés; e hoje no alto Egypto é grandissima a çafra do algodão.

MARAVILHAM-NOS as transformações dos insectos; por exemplo, a do bicho da seda; todavia as suas metamorphoses physicas não são maiores, mais frequentes, nem mais estupendas, do que as que em nós mesmos experimentâmos, quer em nossas relações com o proximo, quer em nossa individual natureza. — *The Doctor.*

A RASÃO exige cultura e esforço para que se possa desenvolver e brilhar: é como a faisca occulta nas veias da pederneira, que não scintilla senão a golpes de rijo aço. — *O cardeal Gerdil.*

Os nossos juizos são como os nossos relógios; estes de raro andam certos uns pelos outros; todavia qualquer traz o seu relógio e por elle se regula. — *Pope.*

MAXIMAS EXTRAHIDAS DAS OBRAS DE FRANKLIN.

A ociosidade é como a ferrugem, consome mais que o trabalho: uma chave de que todos os dias nos servimos anda sempre polida e limpa.

Se amais a vida, não desperdiceis o tempo, que é a têa da existencia. A preguiça tudo difficulta, o trabalho tudo facilita. — Quem se levanta tarde remeche-se todo o dia, e apenas começa o que tem a fazer, quando já é noite. A preguiça caminha tão de vagar que a pobreza a alcança logo. — Dai impulso aos vossos negocios, não sejam elles os que puchem por vós. — Deitar-se cedo e madrugar são elementos para adquirir saude, fortuna e saber.

Um officio mechanico equivale a um patrimonio em terras: qualquer profissão é um emprego em que cabem honra e proveito.

A actividade é a mãe da prosperidade (1): Deus nada recusa ao trabalho. Arai a terra em quanto o preguiçoso dorme e tereis trigo que vender e que guardar. — A agua cahindo gota a gota a final escava a pedra: com trabalho e paciencia um murganho roe uma amarra; e pequenos golpes amiudados abatem corpolentos carvalhos. — Nunca á fiadeira vigilante faltou camisa.

Se quereis concluir o vosso negocio, ide em pessoa trata-lo; se não quereis ve-lo ajustado, mandai outrem (2).

(1) Este pensamento do honrado Franklin está encerrado naquelle nosso verdadeiro e antigo adagio: — *a diligencia é mãe da boa-ventura.*

(2) Aqui temos outro pensamento, que é a traducção do nosso conciso proverbio — *quem quer vai, quem não quer manda.* Apontamos estas confrontações para mostrar que certas maxims de modernos auctores estavam de ha muito consignadas no codigo tradicional de nossos antepassados, isto é, nos rifões populares.